

mobile

REVISTA

FORUM

centro mundo em debate

Semanal | 21.2.2025

DENUNCIADO

151

Forum

outro mundo em debate

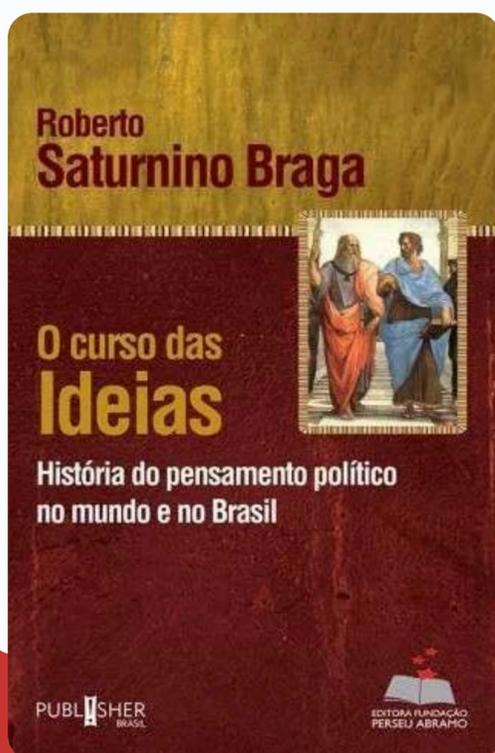
O BRASIL É DOS BRASILEIROS

Compre já o boné dos
verdadeiros patriotas!



**GANHE
GRÁTIS**

*imagem meramente ilustrativa



**PRÉ-VENDA NA
LOJA DA FÓRUM**

**CLIQUE
AQUI**

/ Capa**DENUNCIADO**

- 4 | Os principais pontos da denúncia contra Jair Bolsonaro, por Cleber Lourenço
- 18 | Sete pontos pitorescos na delação de Mauro Cid, por Cleber Lourenço
- 23 | Pedro Serrano: “É melhor mandar para o Plenário para não ter dúvida”, por Júlia Motta

/ Política

- 30 | Faria Lima aposta em evangélicos para derrotar Lula, por Plínio Teodoro

/ Global

- 38 | Eleição na Alemanha, por Ivan Longo

/ Moda e política

- 46 | O debate sobre o vestido de Fernanda Torres, por Iara Vidal

/ Crônica

- 55 | Bandeja, por Luis Cosme Pinto

/ Cinema

- 61 | O Brutalista, por Cesar Castanha

71 / Expediente

Capa: Gabriela Biló/Folhapress

Capa

**OS
PRINCIPAIS
PONTOS
DA
DENÚNCIA
CONTRA
JAIR
BOLSONARO**

por Cleber Lourenço

MPF APONTA

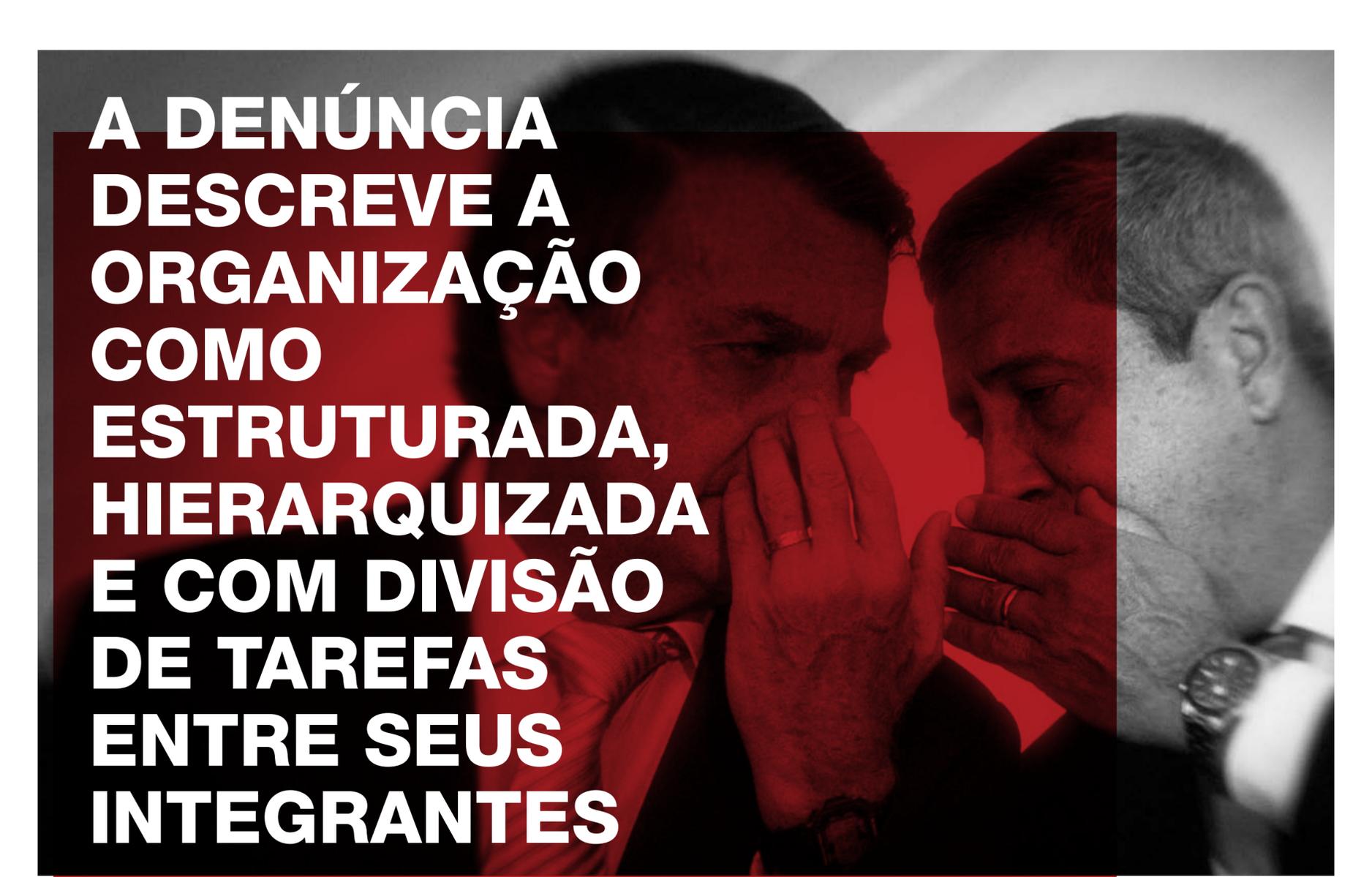
TENTATIVA DE GOLPE

E ESTRUTURA CRIMINOSA PARA
DESLEGITIMAR ELEIÇÕES E
IMPEDIR TRANSIÇÃO
DE GOVERNO

O Ministério Público Federal (MPF) apresentou uma denúncia formal contra Jair Bolsonaro e diversos membros de seu governo, acusando-os de integrar uma organização criminosa que tentou impedir a posse de Luiz Inácio Lula da Silva após as eleições de 2022. O documento, assinado pelo Procurador-Geral da República, Paulo Gonet, foi encaminhado ao Supremo Tribunal Federal (STF) e está sob relatoria do ministro Alexandre de Moraes.

Liderança de uma organização criminosa

A acusação sustenta que Bolsonaro, ao lado de seu vice na chapa de 2022, general Braga Netto, coordenou e incentivou ações para impedir a transição de governo. A denúncia descreve a organização como estruturada, hierarquizada e com divisão de tarefas entre



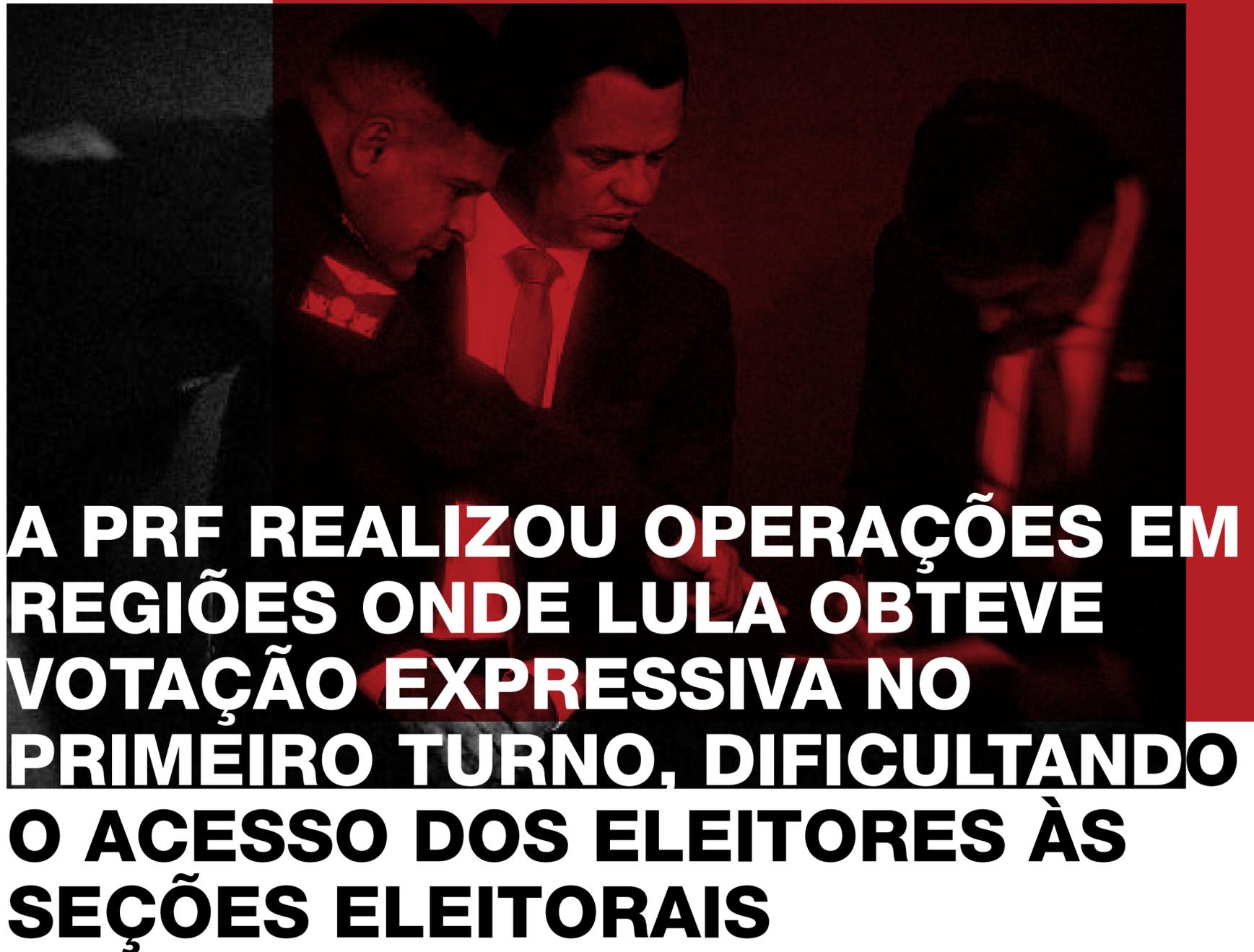
A DENÚNCIA DESCREVE A ORGANIZAÇÃO COMO ESTRUTURADA, HIERARQUIZADA E COM DIVISÃO DE TAREFAS ENTRE SEUS INTEGRANTES

seus integrantes. Entre os envolvidos, figuram ministros, militares e assessores diretos, todos supostamente alinhados ao projeto de manter Bolsonaro no poder, independentemente do resultado eleitoral. Documentos apreendidos indicam que reuniões foram realizadas para articular as estratégias do grupo.

Deslegitimação das eleições

Desde 2021, Bolsonaro teria promovido um discurso de desconfiança contra as urnas eletrônicas e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), preparando terreno para questionar os resultados do pleito de 2022. A estratégia incluía declarações públicas, transmissões ao vivo e reuniões com autoridades nacionais e internacionais para difundir suspeitas infundadas

sobre a lisura do processo eleitoral. Segundo a denúncia, esse discurso foi meticulosamente planejado como parte da narrativa que sustentaria um golpe de Estado.



Uso da estrutura do governo

O ex-presidente teria utilizado órgãos do governo, como a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), para dificultar a eleição do adversário e criar instabilidade institucional. Durante o segundo turno das eleições, a PRF realizou operações em regiões onde Lula obteve votação expressiva no primeiro turno, dificultando o acesso dos eleitores às seções eleitorais. Além disso, investigações apontam

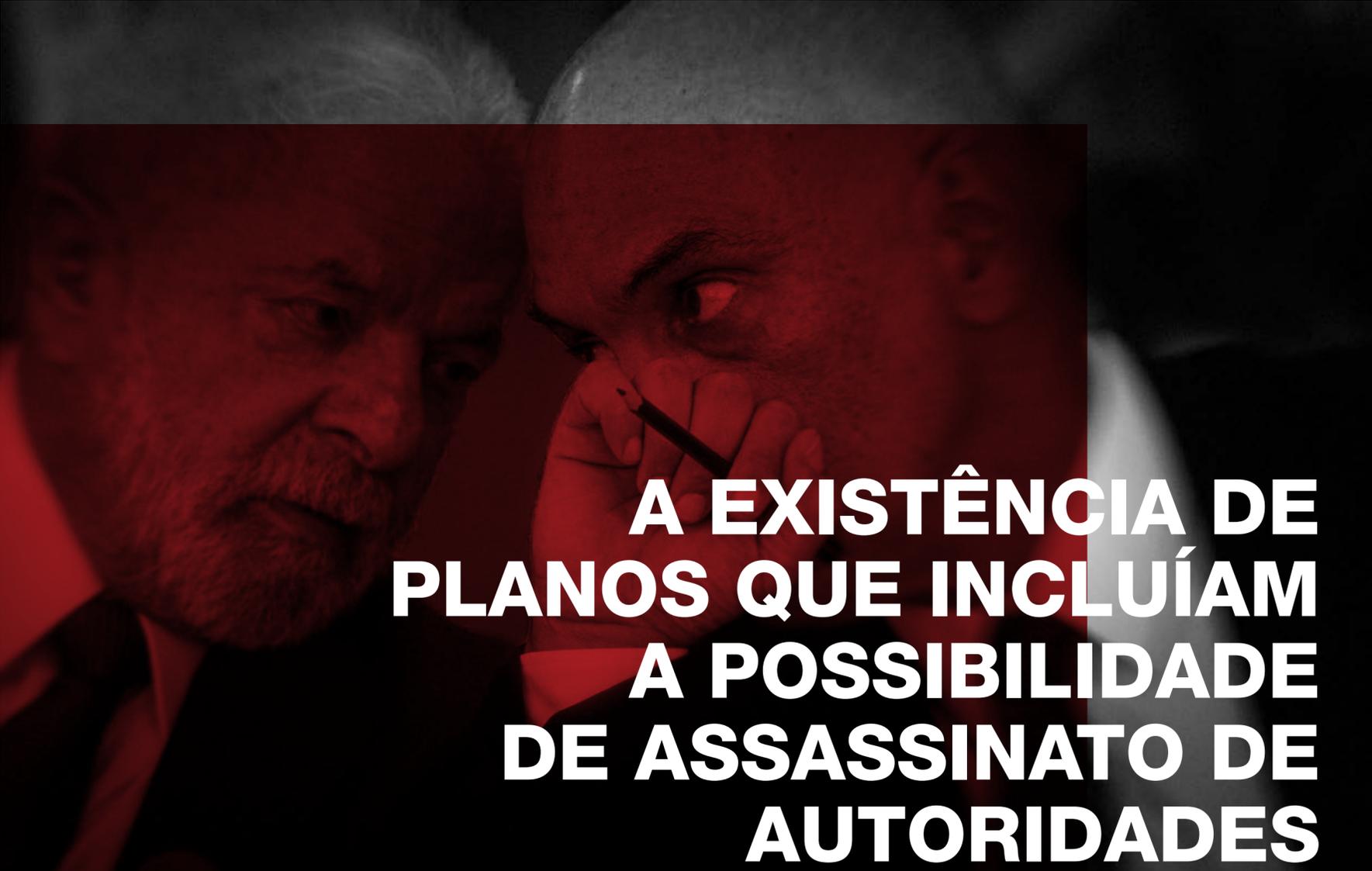
que Bolsonaro e seus aliados discutiram estratégias para instrumentalizar as Forças Armadas e a Abin (Agência Brasileira de Inteligência) em favor do plano golpista.

Tentativa de golpe

A denúncia afirma que Bolsonaro e seus aliados cogitaram medidas como decretar estado de sítio, prender ministros do STF e do TSE e anular as eleições com base em pretextos fraudulentos. A Polícia Federal (PF) identificou minutas de decretos que previam a intervenção militar e a suspensão das instituições democráticas, além da possível prisão de opositores políticos e membros do Judiciário. Documentos apreendidos demonstram que reuniões ocorreram para discutir esses planos, com participação de militares da ativa e da reserva.

Plano de violência e intimidação

Um dos aspectos mais graves da acusação menciona a existência de planos que incluíam a possibilidade de assassinato de autoridades, como o ministro Alexandre de Moraes e o próprio presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Entre os documentos apreendidos, há anotações que mencionam uma operação chamada “Punhal Verde e Amarelo”, que previa



A EXISTÊNCIA DE PLANOS QUE INCLUÍAM A POSSIBILIDADE DE ASSASSINATO DE AUTORIDADES

ataques a figuras-chave do Judiciário e do Executivo. A denúncia descreve que Bolsonaro foi informado sobre essas conspirações e não apenas consentiu, como também teria incentivado a adesão de grupos extremistas.

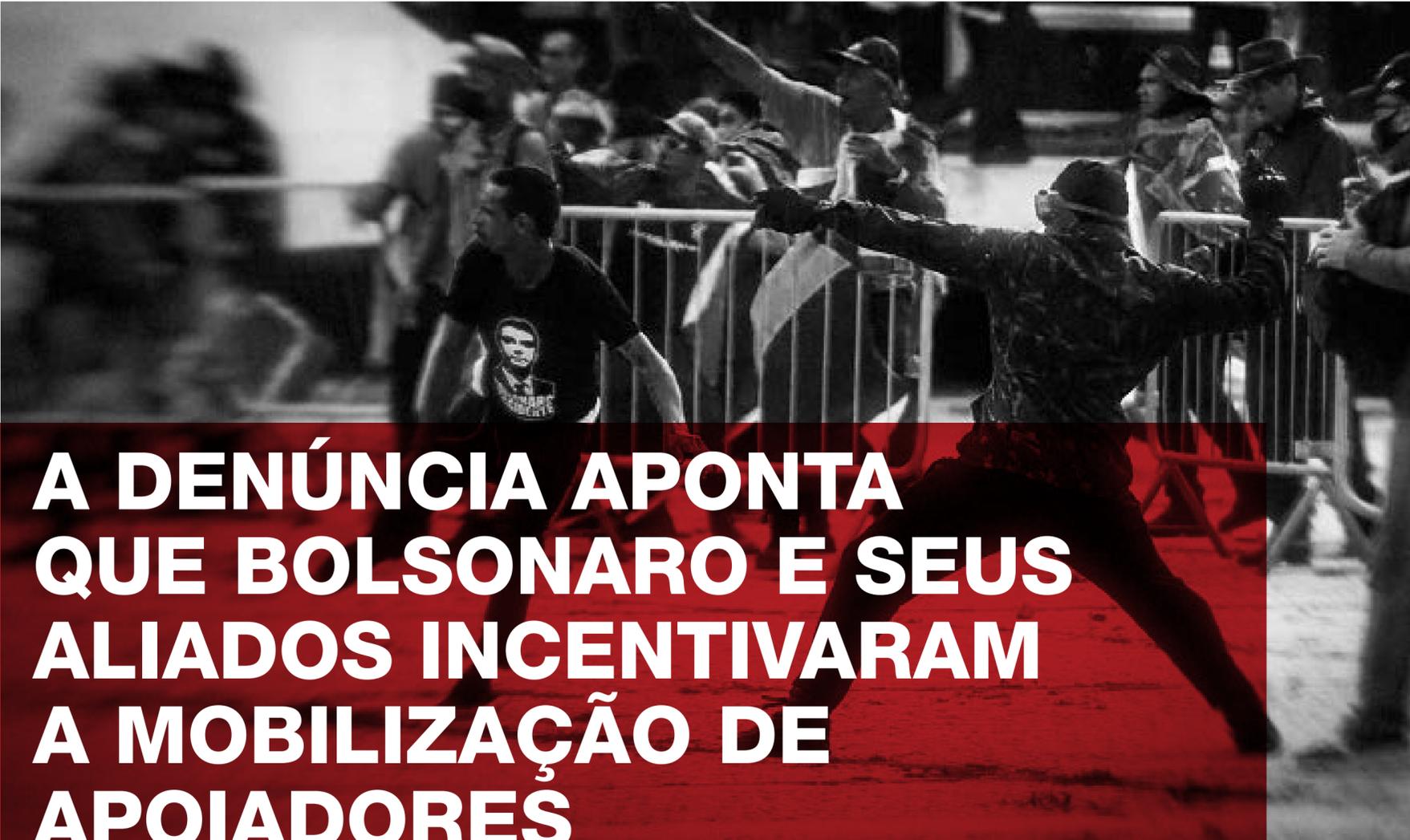
Mobilização militar e desobediência ao STF

A organização teria tentado cooptar militares para aderirem a um golpe, pressionando o Alto Comando do Exército e usando redes sociais para atacar generais que não apoiaram a ruptura democrática. De acordo com as investigações, Bolsonaro e seus aliados buscaram o apoio de oficiais de alta patente, enquanto figuras militares alinhadas ao governo fomentavam um ambiente de desobediência dentro das Forças Armadas. Apesar da

resistência de parte do Alto Comando, setores das Forças Especiais teriam se articulado para viabilizar a tentativa de golpe.

Conexão com os atos de 8 de janeiro

A denúncia aponta que Bolsonaro e seus aliados incentivaram e facilitaram a mobilização de apoiadores, que culminou na invasão e depredação das sedes dos Três Poderes. Mensagens interceptadas revelam que membros da organização criminosa mantiveram contato direto com os manifestantes acampados em frente a quartéis do Exército, encorajando-os a pressionar os militares a agir. No dia 8 de janeiro, a facilitação da ação violenta ocorreu com a conivência de setores da segurança pública do Distrito Federal. Registros de mensagens revelam que os organizadores



**A DENÚNCIA APONTA
QUE BOLSONARO E SEUS
ALIADOS INCENTIVARAM
A MOBILIZAÇÃO DE
APOIADORES**

esperavam um sinal verde de militares para agir de forma mais incisiva.

Evidências documentais

Foram encontrados manuscritos, mensagens e arquivos digitais que detalham o plano para manter Bolsonaro no poder, além de instruções para desacreditar as urnas e criar um ambiente de instabilidade. Entre os documentos apreendidos, estão minutas de decretos golpistas, registros de reuniões conspiratórias e anotações que demonstram o planejamento meticuloso para invalidar a eleição de 2022. As provas reunidas pela Polícia Federal e pelo MPF reforçam a tese de que os atos criminosos não foram improvisados, mas sim resultado de uma conspiração de longo prazo para minar a democracia brasileira.

Implicações e desdobramentos

A denúncia, agora nas mãos do STF, pode levar à abertura de uma ação penal contra Bolsonaro e seus aliados, consolidando um dos maiores processos criminais da história política do Brasil. Caso aceita, a denúncia pode resultar em penas severas, incluindo longos períodos de reclusão para os envolvidos. O julgamento desse caso poderá definir precedentes

importantes para a responsabilização de ex-mandatários em crimes contra a democracia.

A defesa de Bolsonaro nega as acusações, afirmando que não há provas concretas contra o ex-presidente. No entanto, a robustez das evidências apresentadas pelo MPF fortalece a possibilidade de responsabilização do ex-chefe do Executivo e de seus aliados mais próximos. ♦

▶ [Clique aqui](#) e assista ao Fórum Café: **“Vídeos de Cid explodem Bolsonaro”**.

▶ [Clique aqui](#) e assista ao Fala, Rovai: **“Bolsonaro vai fugir do Brasil”**.

▶ [Clique aqui](#) e assista ao Carlito Neto na Fórum: **“PGR denuncia Bolsonaro e prisão é questão de tempo”**.

▶ [Clique aqui](#) e assista à análise de Lenio Streck no Jornal da Fórum: **“Lenio Streck dá uma aula sobre denúncia contra Bolsonaro”**.

▶ [Clique aqui](#) e assista ao Fórum Onze e Meia: **“Michelle e Eduardo pregavam golpe armado”**.

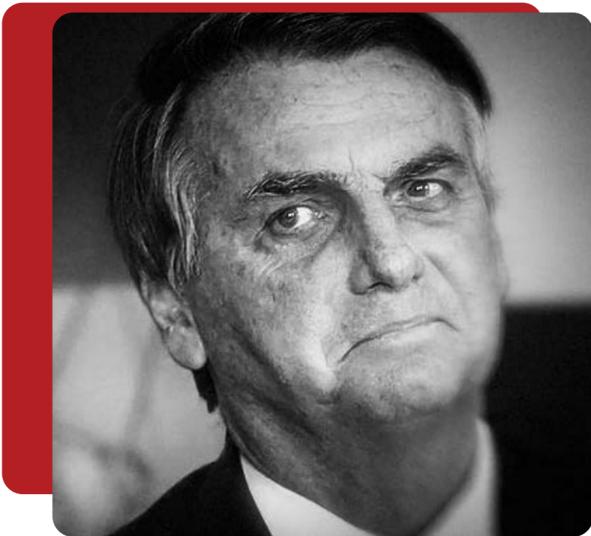
▶ [Clique aqui](#) e assista ao Fórum Mídias: **“Revelada estratégia de defesa de Bolsonaro”**.

OS 34 DENUNCIADOS

1º GRUPO

NÚCLEO CENTRAL DA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA

JAIR BOLSONARO



Ex-presidente da República

WALTER BRAGA NETTO



Ex-ministro da Defesa e candidato a vice de Bolsonaro

ALEXANDRE RAMAGEM



Ex-diretor da Abin

ALMIR GARNIER SANTOS



Almirante da reserva

ANDERSON TORRES



Ex-ministro da Justiça

AUGUSTO HELENO



Ex-ministro do GSI

PAULO SÉRGIO NOGUEIRA



Ex-ministro da Defesa

MAURO CID



Ex-ajudante de ordens da Presidência

2º GRUPO

COORDENAVA O USO DAS FORÇAS POLICIAIS

SILVINEI VASQUES



Ex-diretor-geral da PRF

MÁRIO FERNANDES



Ex-secretário-executivo da Secretária-Geral da Presidência

MARÍLIA FERREIRA DE ALENCAR



Ex-diretora de inteligência do MJ

FERNANDO DE SOUSA OLIVEIRA



Ex-secretário-executivo de Segurança Pública do DF

FILIPE MARTINS



Ex-assessor da Presidência

MARCELO CÂMARA



Ex-assessor da Presidência

3º GRUPO

ATAQUES DIGITAIS

Ailton Gonçalves Moraes Barros

Capitão reformado do Exército

Angelo Martins Denicoli

Major da reserva do Exército

Paulo Figueiredo

Neto do ex-presidente João Figueiredo

Reginaldo Vieira de Abreu

Coronel da reserva do Exército

Carlos Cesar Moretzsohn Rocha

Engenheiro contratado pelo PL para
questionar vulnerabilidade das urnas
eletrônicas

Giancarlo Gomes Rodrigues

Subtenente do Exército

Marcelo Araújo Bormevet

Policial federal

Guilherme Marques de Almeida

Tenente-coronel do Exército

4º GRUPO

PRESSÃO SOBRE MILITARES

Bernardo Romão Correa Netto

Coronel do Exército

Cleverson Ney Magalhães

Coronel da reserva do Exército

Fabício Moreira de Bastos

Coronel do Exército

Márcio Nunes de Resende Júnior

Coronel do Exército

Nilton Diniz Rodrigues

General do Exército

Sérgio Ricardo Cavaliere de Medeiros

Tenente-coronel do Exército

Ronald Ferreira de Araujo Junior

Tenente-coronel do Exército

**DENÚNCIA
DA PGR COM
DETALHES
DA ARTICULAÇÃO
TEM 272
PÁGINAS**



**5º GRUPO
AÇÃO SOBRE AUTORIDADES**

Estevam Cals Theophilo Gaspar de Oliveira

General da reserva

Hélio Ferreira Lima

Tenente-coronel do Exército

Rafael Martins de Oliveira

Tenente-coronel do Exército

Rodrigo Bezerra de Azevedo

Tenente-coronel do Exército

Wladimir Matos Soares

Policial federal

▶ **Clique aqui** e assista à íntegra da delação de **Mauro Cid**, o ex-ajudante de ordens de Bolsonaro.

JORNALISMO AUTÊNTICO E VERDADEIRO

Acesse todos os dias
→ www.revistaforum.com.br

Forum o seu
portal de notícias

apoie.revistaforum.com.br



Capa

Sete pontos pitorescos na delação de Mauro Cid

Documentos, áudios e relatos diretos mostram detalhes inesperados sobre os bastidores da tentativa de golpe

por Cleber Lourenço

A delação do tenente-coronel Mauro Cid trouxe à tona detalhes inesperados e, por vezes, surreais sobre os bastidores da tentativa de golpe liderada por aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro. Entre

documentos, áudios e relatos diretos, algumas passagens chamam atenção tanto pelo conteúdo quanto pela maneira como foram descritas. A seguir, sete pontos que destacam o inusitado dessa trama política.

1 Bolsonaro queria um golpe, mas não queria assinar nada

Segundo Cid, Bolsonaro tinha medo de deixar qualquer evidência documental que o ligasse diretamente ao plano golpista. “Ele queria um golpe, mas sem deixar rastro de sua participação formal”, revelou o ex-ajudante de ordens. A estratégia envolvia conversas informais e o uso de interlocutores para disseminar a ideia entre militares e apoiadores civis.

2 Mauro Cid precisou recomprar joias vendidas no exterior

O ex-ajudante de ordens detalhou uma operação clandestina para recuperar joias que haviam sido ilegalmente vendidas nos Estados Unidos. Em um esforço para encobrir o esquema, ele viajou até Miami e pagou US\$ 35 mil em espécie para recomprá-las. As joias, presentes oficiais do governo saudita, haviam sido vendidas para levantar dinheiro em benefício da família Bolsonaro.



Carlos Bolsonaro
era quem
comandava o
chamado “gabinete
do ódio”

Foto: Renan Olaz/CMRJ

3

O “Gabinete do Ódio” era composto por “três garotos”

Diferentemente do que se imaginava sobre uma grande estrutura de comunicação paralela, Cid afirmou que a célula de desinformação que operava ataques coordenados contra adversários de Bolsonaro era formada por “três garotos” sob a orientação direta de Carlos Bolsonaro. As operações incluíam disseminação de fake news, ataques virtuais e manipulação do discurso público para desacreditar opositores e instituições democráticas.

4

Bolsonaro queria um golpe, mas as Forças Armadas não colaboraram

Cid afirmou que, em várias ocasiões, Bolsonaro insinuava que a tomada do poder por meios ilegais poderia ocorrer. No entanto, não conseguiu

apoio institucional do Exército e da Aeronáutica, tendo apenas a Marinha como um setor mais alinhado ao projeto autoritário. A resistência militar foi um dos fatores que frustraram a tentativa de subverter a ordem democrática.



5 O ex-presidente Bolsonaro ficava vigiando o engajamento das postagens

O ex-mandatário não apenas comandava a narrativa digital, mas acompanhava obsessivamente o impacto de suas postagens nas redes sociais. Cid relatou que Bolsonaro frequentemente questionava o desempenho de publicações e demonstrava frustração quando o engajamento não atingia suas expectativas. Essa preocupação era parte da estratégia de manter sua base mobilizada e reforçar teorias conspiratórias sobre as eleições.

6 Bolsonaro insistia na fraude eleitoral, mesmo após a conclusão

das Forças Armadas

Mesmo diante da análise técnica dos militares, que não encontraram indícios de fraude nas eleições de 2022, Bolsonaro recusou-se a aceitar o resultado e continuou ordenando que sua equipe buscasse provas inexistentes para sustentar sua tese de manipulação das urnas. O relatório das Forças Armadas descartando qualquer irregularidade não impediu que Bolsonaro e seus aliados seguissem alimentando a desconfiança pública e incentivando atos antidemocráticos.

7 Férias frustradas

Em 8 de janeiro, quando os atos golpistas já estavam em curso, os militares não estavam mobilizados para uma eventual ruptura institucional. Essa revelação expõe o descompasso entre a cúpula militar e os apoiadores civis que esperavam apoio das Forças Armadas. “Os militares estavam de férias, inclusive”, afirmou Mauro Cid durante depoimento.

As revelações reforçam o peso das acusações e podem aprofundar o cerco jurídico contra Bolsonaro e seus aliados, com possíveis desdobramentos em novas investigações e processos criminais. ♦



Foto: Andressa Anholiete/SCO/STF

Capa

“É melhor mandar para o Plenário para não ter dúvida”

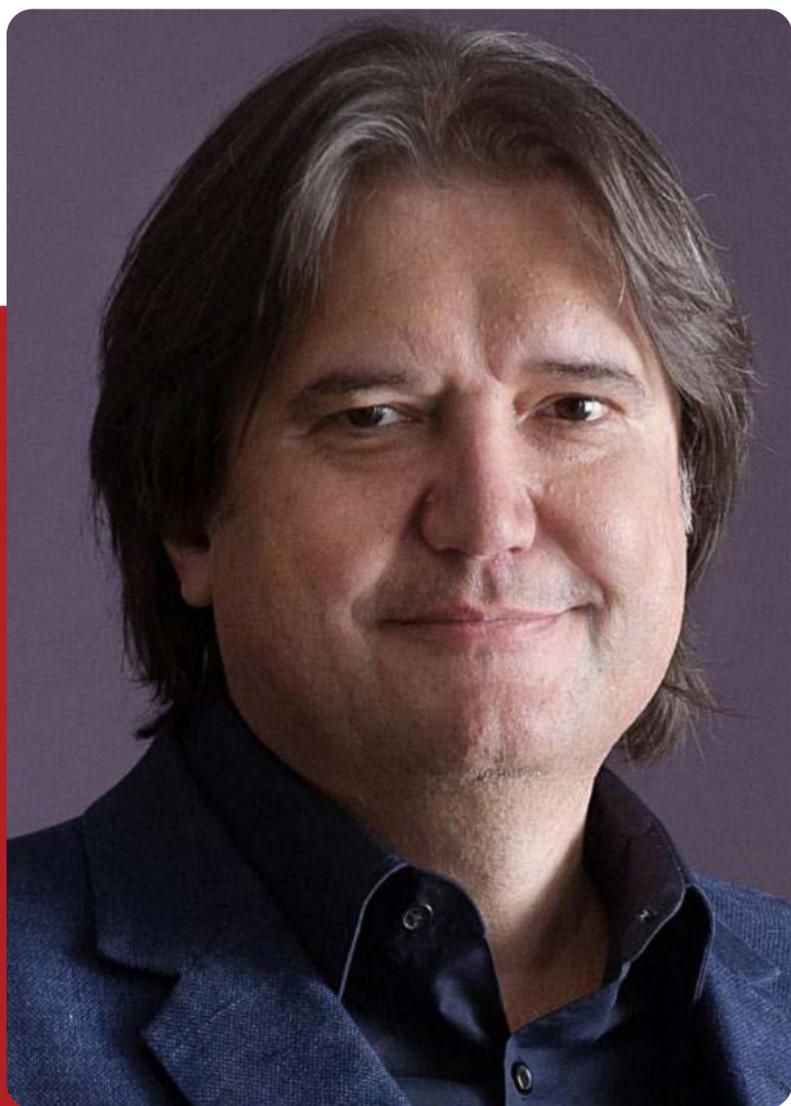
Para Pedro Serrano, uma condenação de Bolsonaro vai causar reação, inclusive internacional, então é importante que o julgamento seja “inquestionavelmente legítimo”

por **Júlia Motta**

Em entrevista ao **Fórum Onze e Meia** de quarta-feira (19), o jurista Pedro Serrano falou sobre a denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e aliados por

tentativa de golpe de Estado. O advogado já havia previsto, também em entrevista à **Fórum** em dezembro passado, que a denúncia seria apresentada em fevereiro deste ano.

O advogado avalia que agora o Supremo Tribunal Federal



(STF) enfrenta uma tarefa ainda maior do que a denúncia, que é “demonstrar a materialidade do delito” cometido por Bolsonaro e aliados na trama golpista, mas que o órgão terá uma “grande ajuda” do relatório da Polícia Federal (PF).

O problema principal, segundo Serrano, é demonstrar a existência da autoria, ou seja, que os principais réus foram autores do delito. Para o advogado, no caso de Bolsonaro, “a grande dificuldade vai ser demonstrar a autoria, demonstrar que ele tinha ciência [da tentativa de golpe] e não interrompeu”.

“Eles [PGR e STF] têm que demonstrar que Bolsonaro autorizou e pediu a conduta. Se

não der, pelo menos tem que demonstrar que Bolsonaro sabia do que estava ocorrendo e não impediu que ocorresse, tendo o poder para impedir. Essa é uma demonstração que tem que ser feita, ou seja, que ele ou participou diretamente da conduta, autorizando, determinando, comandando, ou que ele, tendo o conhecimento da conduta, não impediu a sua realização. Esse é um esforço que a PGR vai ter”, afirma Serrano.

O advogado, porém, acrescenta que, apesar da tentativa da defesa de argumentar que não houve crime, essa seria uma iniciativa “infrutífera”. “Eu fiquei muito impressionado com a leitura do relatório da PF e eu acho que tem ali uma demonstração clara da materialidade do delito”, diz. “Acho que não é tão clara a participação dos comandantes, vai ter que demonstrar isso em juízo, vai depender muito da eficiência dos procuradores, da qualidade da prova que eles vão produzir”, argumenta Serrano. O advogado completa que, por sua leitura da denúncia, há indícios, mas eles devem ser “efetivamente comprovados”.

Serrano afirma, assim como o advogado Roberto Bertholdo, que também esteve no **Onze e Meia** de quarta-feira, que o Brasil tem uma “tradição golpista” e que o julgamento desse caso seria um dos mais importantes dos

últimos 50 anos.

“A gente tem o hábito de falar, por exemplo, que a República foi produzida pelo golpe e foi um golpe de Estado mesmo. Mas, na realidade, o golpe foi muito antes. Eu já vi gente de extrema direita criticando a República, aqueles que defendem a monarquia, falando que isso [a República] é produto do golpe, mas, na realidade, o nosso Império foi produto de um golpe. Então, a primeira Constituição do Brasil independente já foi produto de um golpe”, diz Serrano.



Foto Nelson Jr./SCO/STF

Julgamento em Plenário

O advogado avalia que, entre o julgamento do caso na Primeira Turma ou em Plenário, o ministro **Alexandre de Moraes** deve seguir pela segunda opção. Serrano argumenta que, em primeiro lugar, defende os “direitos” e, nesse sentido, caso não

haja prova da autoria de Bolsonaro, deve se ter “coragem histórica” de inocentar o ex-presidente. “Ele é culpado? A gente até pode saber que sim, mas se não tem prova no processo, não tem que condenar”, defende.

Em segundo lugar, Serrano diz que não se pode “criar mecanismos que depois eles [apoiadores de Bolsonaro] usem para dizer que o eventual juízo de condenação foi fraudulento, inconstitucional, teve nulidades, problemas ou não foi democrático”.

Portanto, o advogado defende que, se fosse o ministro Alexandre de Moraes, levaria o caso ao Plenário “para não ter dúvida”.

“O caso é muito relevante, é um caso histórico. Vai constituir a nova jurisprudência de uma lei importantíssima que é a Lei em Defesa da Democracia. Então, eu acho que ficar criando esse tipo de problema não favorece o processo, porque vai ter o *backlash* (retaliação, em tradução livre)”, avalia Serrano.

“Esse julgamento não acaba no dia do julgamento. Vai ter reação política. Então, é importante que ele seja inquestionavelmente legítimo”, diz o advogado. “A experiência histórica do direito demonstra isso”, acrescenta.

“A realidade é que é melhor mandar para o Plenário para não ter dúvida. Nós temos que ter esse critério, porque se sair uma condenação de um cara importante como Bolsonaro vai ter reação, inclusive internacional, e nós vamos ter que resistir, mostrar que houve legitimidade. Então, eu acho que a melhor coisa é estar no ambiente que é inquestionável dentro do Supremo, que é o Plenário. É a nossa jurisdição falando, é a nossa autonomia, nossa soberania nacional. Não tem o que discutir, a gente tem que enfrentar”, defende.

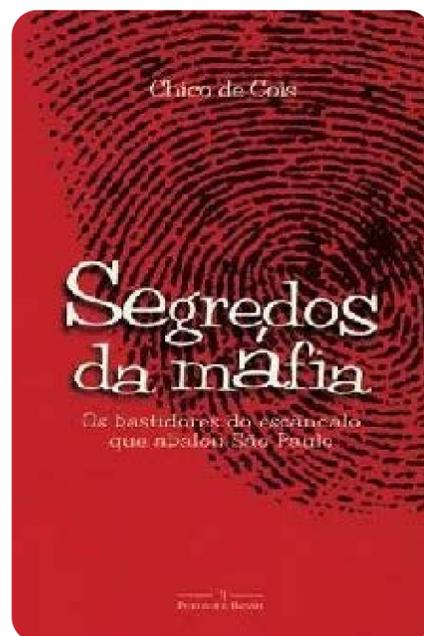
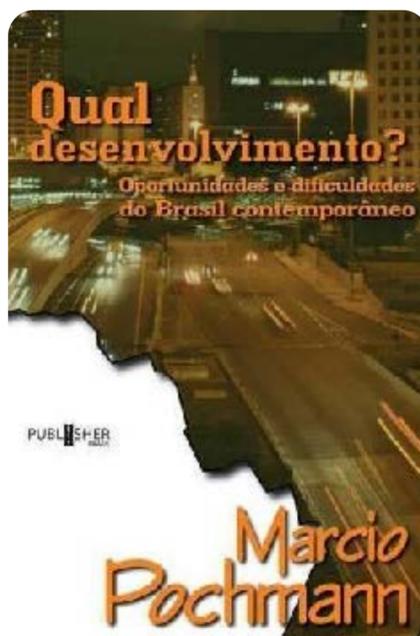
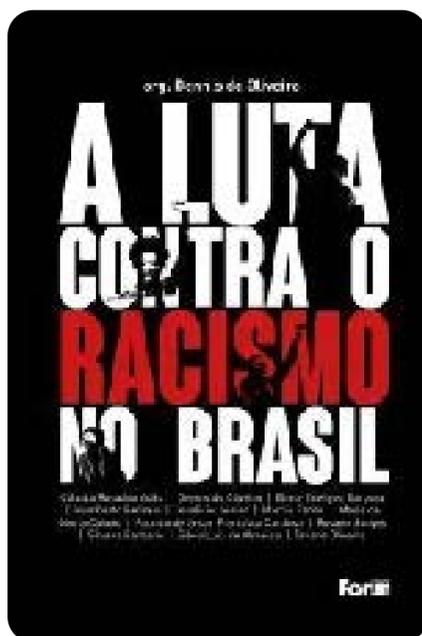
Serrano também acredita que esse caso deve dar uma “lição de democracia”. “A vitória aí não é condenar, a vitória é aplicar a Constituição e a lei. Nós estamos falando de Justiça, não de disputa política”, declara. “Houve o cometimento de um crime gravíssimo que implicou em organização armada. É preciso apurar quem são os responsáveis. Essa discussão é uma discussão de direito, de Justiça e não de disputa de poder”, completa. ♦

▶ **Clique aqui** e assista à entrevista de **Pedro Serrano** no Fórum Onze e Meia.

PROMOÇÃO ESPECIAL NA LOJA DA FÓRUM

LIVROS DO ACERVO POR

R\$ 9,90!



APROVEITE



CLIQUE AQUI
E COMPRE JÁ

lojaforum.com.br/livros



Foto Montagem

Política

Faria Lima aposta em evangélicos para derrotar Lula

Voto conservador e à direita

por Plínio Teodoro

Enquanto alimentam o jogo especulativo no mercado, banqueiros e executivos do sistema financeiro apostam todas as fichas no eleitorado evangélico para derrotar Lula e colocar no poder um governo à direita — excluindo totalmente o desgastado Jair

Bolsonaro (PL) — em 2026.

O prognóstico, que colocou a Faria Lima em polvorosa, foi feito pela gestora de fundos Mar Asset, comandada por Bruno Coutinho (ex-BTG Pacutal, de Paulo Guedes), Philippe Perdigão (ex-Oportunity, de Daniel Dantas) e Luis Moura (ex-3G Capital, do grupo Lemman).

Moura ainda é “sócio investidor e membro do conselho de administração da Equatorial”, grupo financeiro que arrematou, em uma privatização obscura e a toque de caixa, a Sabesp, entregue pelo governador paulista Tarcísio Gomes de Freitas (Republicanos), principal aposta da terceira via — que une mídia liberal, sistema financeiro e Centrão — para as eleições de 2026.

Logo no prefácio, os autores dizem que “haverá um gatilho para estancar a piora macroeconômica e dos ativos financeiros brasileiros no futuro próximo” — mesmo com a taxa Selic batendo 13,25%, em viés de alta, com investimentos em renda fixa oferecendo até 16% de rendimento ao ano.

“Nossa percepção é sustentada em dois pilares. Enxergamos uma inflexão conjuntural na economia, resultado de um ciclo econômico esgotado e com perspectiva de deterioração nos próximos anos. Ao mesmo tempo, identificamos uma alteração estrutural na sociedade brasileira,

marcada pelo crescimento da população evangélica, que tem influenciado uma mudança no perfil do voto médio em direção ao conservadorismo e movimentado o pêndulo político brasileiro à direita”, diz a análise.

Em seguida, os financistas admitem que, com Lula, “o crescimento do PIB surpreendeu os mercados de maneira expressiva, o desemprego alcançou os menores níveis históricos e a inflação se manteve em padrão historicamente baixo”.

“A fotografia ao fim de 2024, bem resumida pelo famigerado índice de miséria — que é a soma da inflação com a taxa de desemprego — nos níveis mais baixos da nossa história, reflete exatamente o que o governo pretendia alcançar”, emenda, ressaltando, no entanto, que o problema é estrutural, “já que, apesar de o índice de miséria estar no nível mais baixo de sua história, seu efeito positivo sobre a popularidade presidencial decepcionou”.

Cooptação pela ultradireita

A questão “estrutural”, citada pelos financistas, dá-se justamente sobre o nicho eleitoral evangélico.

Pesquisa Latam Pulse, realizada em parceria

pela Atlas e Bloomberg e divulgada na semana passada, revela que a queda na aprovação de Lula está ligada diretamente à rejeição no eleitorado evangélico, que vem sendo cooptado pela ultradireita e soma atualmente 80,1% de desaprovação sobre o trabalho do presidente, segundo o estudo.



“Acreditamos que a ideia evangélica que melhor representa o momento social brasileiro é a **Teologia da Prosperidade**. Ela associa a fé em Deus com o sucesso material, saúde, bem-estar físico e emocional. Essa ideia enfatiza que o sucesso profissional faz parte da caminhada espiritual e seu avanço é uma bênção de Deus ao bom fiel, enfraquecendo assim a conexão entre a melhora de vida pessoal com o governo corrente”, diz a análise da Mar Asset.

Na prática, a tese pode ser vista na aliança Pablo Marçal (PRTB) e sua meritocracia “coaching” com o eleitorado evangélico e a

Teologia da Prosperidade. O “ex-coach” liderou grande parte da disputa à Prefeitura de São Paulo entre evangélicos e só perdeu apoio após entrada de Silas Malafaia, que comandou um batalhão de pastores para virar votos para Ricardo Nunes (MDB).

No estudo, a Mar Asset mostra uma deterioração do voto evangélico na esquerda tanto no âmbito municipal quanto nas eleições presidenciais, especialmente a partir de 2014, quando Dilma Rousseff (PT) venceu Aécio Neves (PSDB) “com cerca de 55% dos votos dos não evangélicos e 50% dos evangélicos”.

“Nas eleições presidenciais de 2018, na vitória de Bolsonaro, o PT, por meio de Fernando Haddad, até obteve mais votos entre os não evangélicos, mas conquistou apenas 31% dos votos entre os evangélicos. Já nas eleições de 2022, que selou a vitória de Lula pela menor margem da nossa história, a conversão do eleitorado evangélico pelo candidato petista permaneceu nos mesmos 31% alcançados por Fernando Haddad em 2018. Contudo, entre os não evangélicos, Lula obteve impressionantes 60% dos votos, o que foi decisivo para assegurar sua apertada vitória”,

diz o texto.

“As eleições presidenciais de 2022 foram marcadas pela alta rejeição do presidente Bolsonaro. Ainda assim, pudemos ver o viés de direita do eleitorado se expressando nas eleições a governadores e nos mandatos legislativos como deputado federal e estadual. As recentes eleições municipais de 2024 aprofundaram o movimento à direita observado desde 2016, indicando novamente a tendência de vitória presidencial de um candidato conservador em 2026”, emenda.

Na análise, os economistas afirmam que “o melhor momento econômico do atual mandato ficou para trás” e que o fator evangélico pesará a favor da direita no pêndulo eleitoral em 2026.

“Em resumo, a conjuntura econômica é um elemento significativo de dificuldade para as perspectivas políticas do atual governo. Paralelamente, o forte e contínuo crescimento da população evangélica vem produzindo uma direitização estrutural na sociedade brasileira. São dois poderosos vetores que convergem na mesma direção política: uma maior dificuldade para uma candidatura do PT em 2026”, dizem os financistas.

“Essa combinação, ao nosso ver, torna minoritária a probabilidade de reeleição do presidente Lula, algo que deve ser antecipado



Tarcísio de Freitas,
governador de
São Paulo

Foto Agência Brasil

pelos mercados em algum momento de 2025”, afirma o texto, convocando a guerra dos banqueiros contra Lula já para 2025.

Por fim, os FariaLimers sinalizam que as apostas em Tarcísio estão abertas, visto que já escantearam Bolsonaro e querem “sangrar” Lula ainda este ano.

“No cenário ideal, a antecipação da melhora viria por meio da indicação de que nem Lula nem Bolsonaro participariam do próximo pleito. Uma renovação geracional na política, com candidatos mais moderados em ambos os lados do espectro, teria enorme potencial para a evolução institucional do país”, conclui o estudo oferecendo o sapatênis a Tarcísio de Freitas.◆

▶ **Clique aqui** e leia a íntegra do estudo **Pregando no Deserto**, da Mar Asset.

FÓRUM ANTECIPOU

Assista ao documentário que
mostra em detalhes a trama
golpista para impedir
a posse de Lula

ATO
18

O GOLPE
CONTRA
LULA

Direção Luiz Carlos Azenha

Documentário em três episódios

[Clique aqui e assista](#)



Fotos Reprodução

Global

Eleição na Alemanha

O que dizem as últimas pesquisas antes da eleição que definirá o novo governo

por Ivan Longo, de Berlim

Faltando poucos dias para as eleições antecipadas na Alemanha, que ocorrem no domingo (23), as pesquisas apontam um cenário de fragmentação política e ascensão da extrema direita. A nova composição do

Bundestag (Parlamento alemão) e o novo chefe de governo serão definidos em meio à crise política que levou à dissolução da Câmara Baixa, após o colapso do governo liderado pelo chanceler Olaf Scholz, do Partido Social-Democrata (SPD).

Segundo a pesquisa divulgada pelo instituto Forsa na sexta-feira (21), o bloco conservador CDU/CSU, comandado por Friedrich Merz, lidera com 29% das intenções de voto, um crescimento de 4,9 pontos percentuais em relação às últimas eleições, realizadas em 2021.

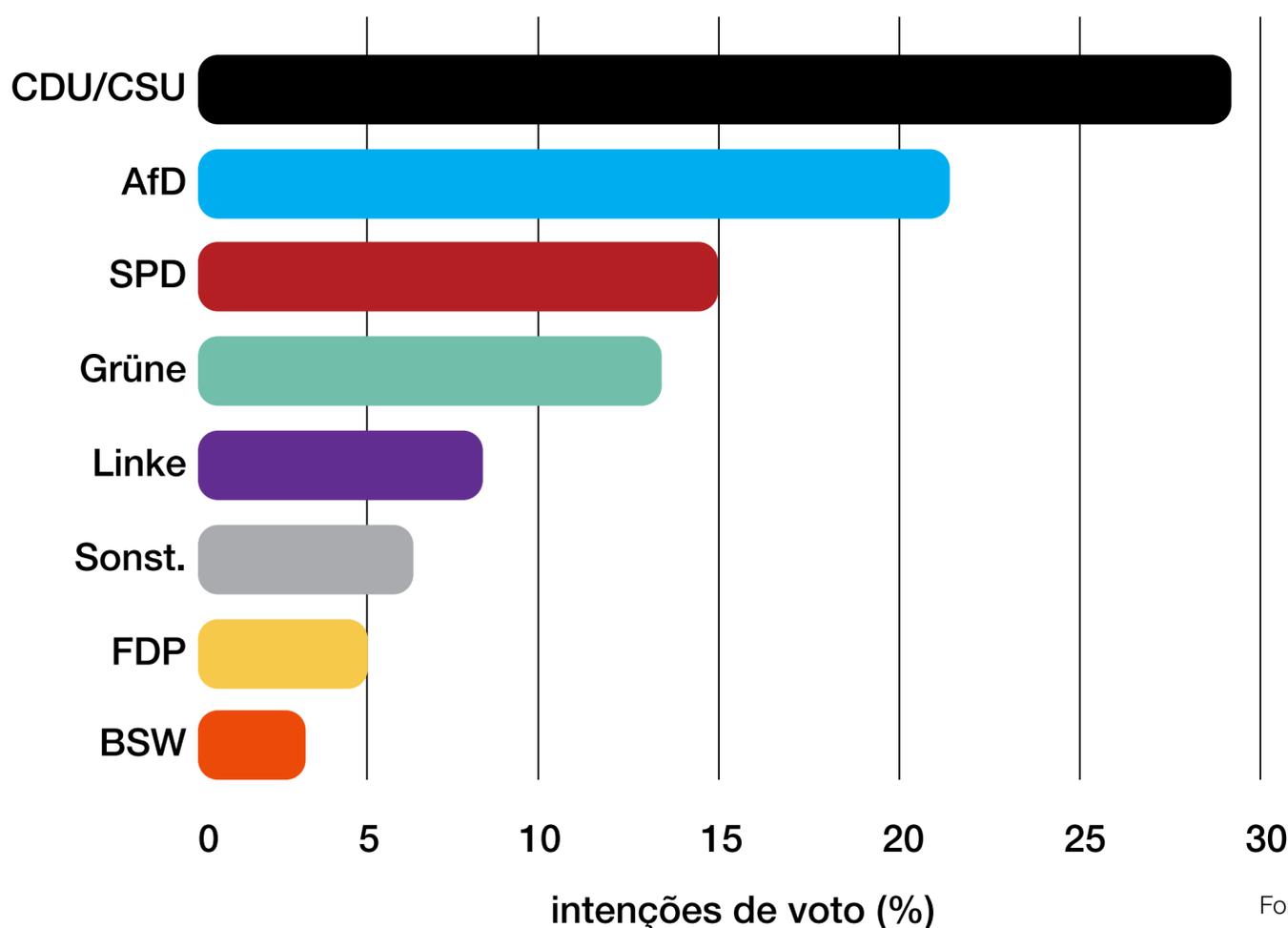
Em segundo lugar, o partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que possui ligações comprovadas com grupos neonazistas, registra 21% — um avanço de 10,6 pontos com relação ao último pleito. O SPD aparece em terceiro, com apenas 15%, uma queda de 10,7 pontos se comparado com a eleição anterior. Os Verdes (Die Grüne) somam 13% (-1,7), enquanto A Esquerda (Die Linke) tem 8% (+3,1), o Partido Liberal Democrático (FDP) alcança 5% (-6,4) e o BSW, 3% (+3). Os demais partidos somam 6%.

Em termos de distribuição de cadeiras no Bundestag, o bloco CDU/CSU deve ocupar 201 assentos, seguido pelo AfD com 145. O SPD terá 90 deputados, os Verdes 90, A Esquerda 53, o FDP 33 e o BSW, 19. Ao todo, são 630

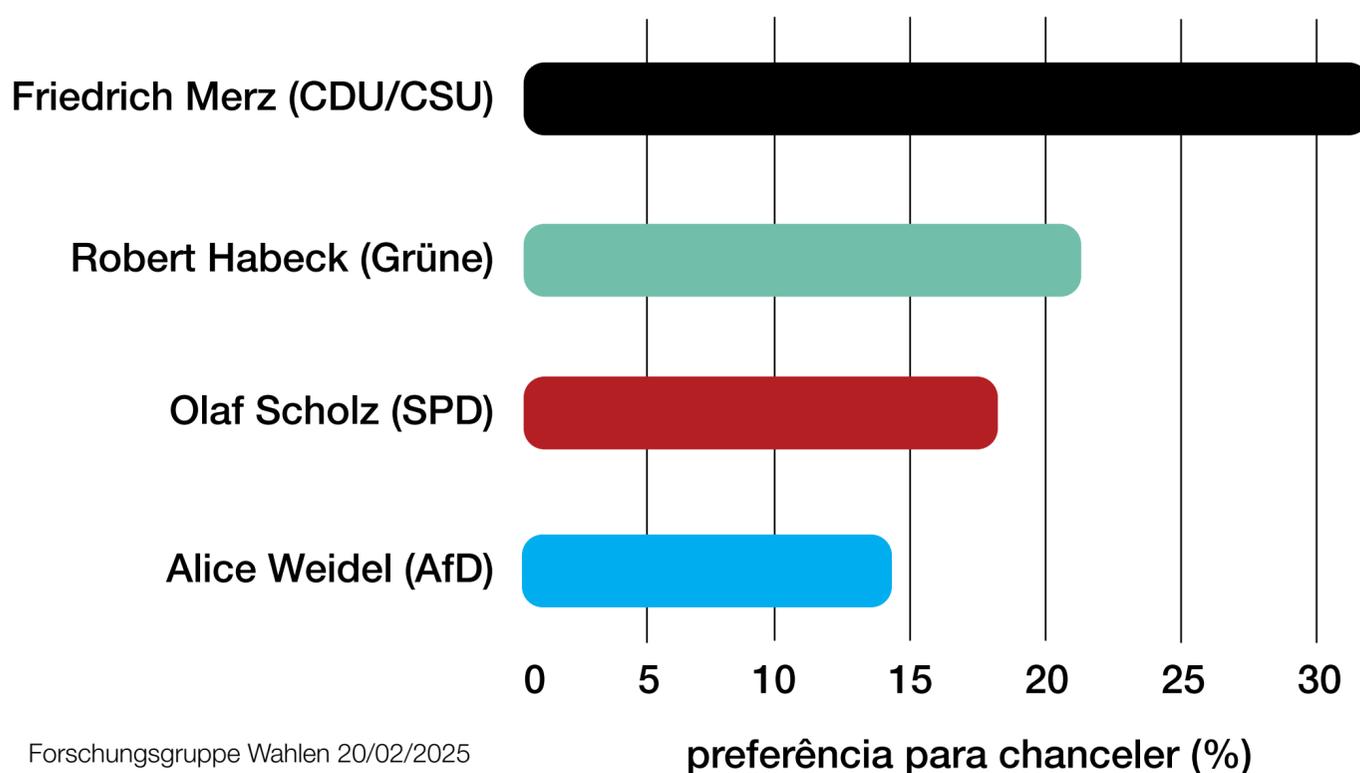
cadeiras em disputa.

Na corrida para o cargo de chanceler, que na Alemanha equivale à função de um primeiro-ministro, Friedrich Merz lidera com 32%, seguido por Robert Habeck (Verdes) com 21%. Olaf Scholz aparece com apenas 18%, enquanto Alice Weidel, líder do AfD, é a escolha de 14% dos entrevistados.

INTENÇÕES DE VOTO PARA O BUNDESTAG



PREFERÊNCIA PARA CHANCELER





Crise política e ascensão da extrema direita

O pleito antecipado ocorre após a dissolução do Parlamento pelo presidente Frank-Walter Steinmeier, em dezembro de 2024, após a derrota de Olaf Scholz em uma moção de confiança. O colapso da coalizão “semáforo” — formada por SPD, Verdes e FDP — foi desencadeado pela demissão de Christian Lindner, então ministro das Finanças, devido a divergências sobre a política econômica. A saída do FDP do governo resultou na perda da maioria parlamentar, levando Scholz a buscar o voto de confiança, do qual saiu derrotado.

O impasse político abriu espaço para o crescimento do AfD, partido de extrema direita

conhecido por seu discurso xenofóbico, racista e ultranacionalista, com ligações comprovadas com grupos neonazistas. Monitorado pelo serviço de inteligência alemão (BfV) desde 2021 por ameaçar a ordem democrática, o AfD conquistou vitórias regionais históricas em 2024, incluindo a liderança na Turíngia — a primeira de um partido de extrema direita desde o regime nazista — e o segundo lugar na Saxônia e em Brandemburgo.

O descontentamento com a economia, a inflação e a política migratória impulsionou o apoio ao AfD, que se apresenta como alternativa ao status quo. “Algo novo está começando”, declarou o parlamentar Bernd Baumann após o partido apoiar uma moção anti-imigração no Bundestag, proposta pelo CDU/CSU e aprovada graças aos votos da legenda extremista.

A quebra do “brandmauer” — o cordão sanitário que isolava o AfD dos partidos tradicionais — gerou ampla indignação. A ex-chanceler Angela Merkel, que é do bloco CDU/CSU, criticou duramente seu correligionário Friedrich Merz, afirmando que a colaboração com o AfD “permite conscientemente uma maioria com os votos

da extrema direita”, rompendo uma tradição democrática do pós-guerra.



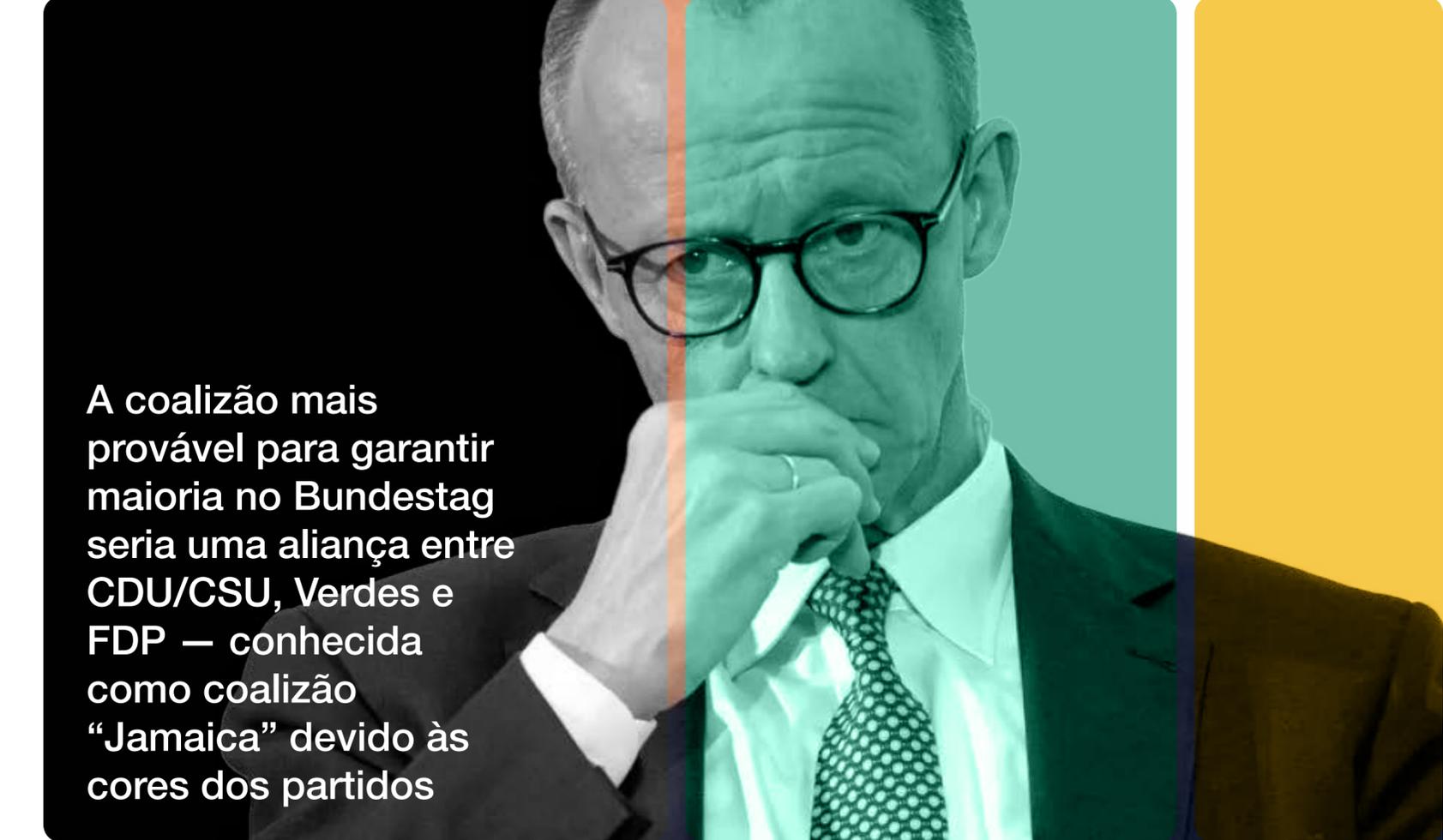
Foto Reuters/Folhapress

Protestos e possíveis coalizões

A aproximação entre CDU e AfD gerou protestos massivos em várias cidades alemãs. Em Berlim, mais de 100 mil pessoas participaram recentemente de atos contra a extrema direita e contra a colaboração entre o CDU/CSU e o AfD.

O próprio CDU, entretanto, tem negado que formará um governo com o AfD – apesar de ter aceitado o apoio da sigla extremista para aprovar uma moção anti-imigração no Parlamento.

Diante da fragmentação política, a coalizão mais provável para garantir maioria no Bundestag seria uma aliança entre CDU/CSU, Verdes e FDP



A coalizão mais provável para garantir maioria no Bundestag seria uma aliança entre CDU/CSU, Verdes e FDP — conhecida como coalizão “Jamaica” devido às cores dos partidos

— conhecida como coalizão “Jamaica” devido às cores dos partidos. Caso alguma das siglas recusem integrar o governo, o CDU/CSU teria que negociar com os sociais-democratas do SPD para formar uma “grande coalizão”, cenário que já ocorreu em governos anteriores.

Na Alemanha, o governo é formado com base em uma maioria absoluta no Bundestag, que corresponde a pelo menos 368 dos 736 assentos. Caso nenhum partido alcance esse número, é necessário formar uma coalizão com outras siglas para indicar o chanceler, chefe de governo do país. ♦

FORUM

Siga o canal da
Revista Fórum
no WhatsApp

E receba
**notícias
exclusivas**

[Clique aqui](#)
e se inscreva



Moda e política

COM QUE ROUPA EU VOU?

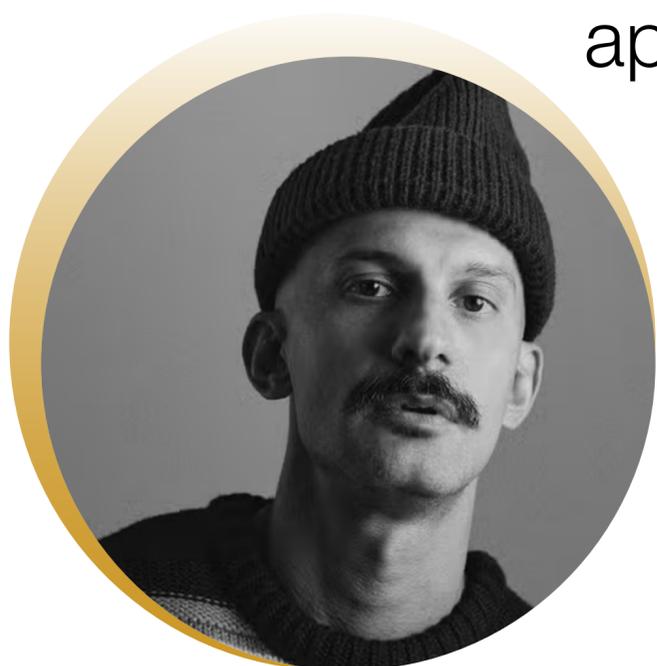
Oscar 2025: O debate em torno do vestido de Fernanda Torres

por Iara Vidal

A participação de Fernanda Torres na cerimônia do Oscar no dia 2 de março abriu um debate intenso sobre a nacionalidade da marca da roupa que ela deve usar.

A atriz, que será vestida pelo stylist **Antonio Frajado**, tornou-se o centro da discussão

após a revelação de que o vestido para a premiação pode ser de uma grife internacional, apesar das sugestões para que ela escolha um estilista brasileiro.



Frajado, responsável pelos figurinos da temporada de divulgação do filme *Ainda Estou Aqui*, defendeu sua posição ao afirmar que, embora o uso de moda nacional seja uma sugestão válida, não deve ser uma exigência.

Em entrevista ao jornal *O Globo*, ele explicou que questões logísticas e de estilo são fatores determinantes, já que peças de marcas internacionais são mais acessíveis em Los Angeles, e o estilo minimalista da atriz nem sempre se alinha às criações oferecidas.



Os estilistas brasileiros
Marco Normando
Marina Bitu
Patricia Bonaldi
Ronaldo Fraga
Luiz Claudio Silva

Fotos Reprodução

Opções feitas no Brasil

A decisão de Frajado desagradou muitos estilistas brasileiros, que veem a escolha como uma oportunidade de promover a moda nacional.

Opções não faltam. Como mostra um exercício criativo proposto pela revista *Marie Claire*, no qual cinco estilistas brasileiros renomados desenharam croquis exclusivos para imaginar o look ideal de Fernanda Torres no Oscar 2025.

O estilista Marco Normando, da marca Normando, criou um vestido de cetim duchese preto com capa lateral e traseira, bordado com 27 estrelas que remetem às constelações da

bandeira brasileira. Para ele, usar moda nacional simboliza valorizar a identidade cultural e o cinema do país.

Já Marina Bitu, conhecida por seu trabalho artesanal, desenhou uma peça em tom vinho amarronzado, com tecidos aplicados manualmente, representando as camadas da história brasileira.

Patricia Bonaldi, da PatBo, apresentou duas opções: um vestido preto clássico com pedrarias que realçam a silhueta e um modelo branco com capa fluida e correntes bordadas à mão.

Luiz Claudio Silva, da Apartamento 03, apostou em um vestido de ombro único, com franjas douradas sobre tule preto, moldado diretamente no corpo da atriz.

Por fim, Ronaldo Fraga, inspirado em sua coleção “Quem Matou Zuzu Angel”, propôs um vestido de renda Renascença do Cariri Paraibano, com desenhos que evocam sombras de urubus, em uma metáfora política sobre os desafios enfrentados pelo cinema brasileiro.

O desafio reforçou a diversidade da moda nacional e deixou evidente a criatividade dos estilistas e sua capacidade de dialogar com a cultura e a história do Brasil, enquanto Fernanda Torres se prepara para representar o país em um dos palcos mais prestigiados do mundo.

Brasil no tapete vermelho

O debate sobre a roupa de Fernanda Torres reflete um dilema recorrente em eventos de grande visibilidade: o desejo de promover a identidade cultural versus as limitações práticas e de estilo.

A moda vai muito além da estética e do consumo: ela é uma forma poderosa de comunicação cultural e uma ferramenta estratégica de soft power, conceito definido pelo cientista político Joseph Nye como a capacidade de influenciar outros países sem o uso da força, mas sim por meio da cultura, dos valores e das políticas.

No contexto global, a moda atua como uma linguagem universal capaz de moldar percepções, construir identidades nacionais e fortalecer a imagem de um país no cenário internacional.

Moda, expressão cultural e identidade nacional

A moda reflete a história, as tradições e a criatividade de uma nação. Ao promover estilistas, tecidos típicos e técnicas artesanais, um país projeta sua identidade cultural para o mundo.

Por exemplo, a França consolidou sua imagem de sofisticação e elegância por meio da alta-costura, enquanto a Itália é reconhecida pela qualidade de seu design e artesanato.

Da mesma forma, o Japão conquistou prestígio global com sua fusão entre minimalismo contemporâneo e elementos tradicionais, como o quimono.



Foto Reprodução

Moda e cultura pop

Marcas e designers icônicos têm o poder de moldar tendências culturais, impactando o comportamento e os valores de milhões de pessoas. A difusão da moda por meio de filmes, séries, música e redes sociais amplifica a influência cultural de um país.

O “K-fashion” sul-coreano, por exemplo, ganhou destaque mundial graças ao sucesso do K-pop e de produções audiovisuais,

contribuindo para a ascensão global da Coreia do Sul como um polo cultural.



Foto Reprodução

Michelle Obama e Brigitte Macron

Moda e diplomacia cultural

A moda também é utilizada como uma forma sutil de diplomacia cultural. Líderes políticos e celebridades frequentemente escolhem roupas de designers nacionais em eventos internacionais para reforçar o orgulho nacional e divulgar o talento local.

Primeiras-damas, como Michelle Obama e Brigitte Macron, já foram elogiadas por apoiar estilistas de seus países, ajudando a consolidar a presença da moda nacional em um contexto global.

Potência brasileira

O Brasil tem um enorme potencial para usar a moda como *soft power*. Designers

como Alexandre Herchcovitch, Osklen e Lino Villaventura já projetaram a criatividade brasileira internacionalmente.

Elementos culturais, como o uso de cores vibrantes, tecidos naturais e referências ao artesanato indígena, são marcas registradas que poderiam ser mais exploradas para construir uma imagem positiva e autêntica do país.

Independentemente da escolha de Fernanda Torres, o debate evidencia o papel estratégico da moda brasileira no cenário internacional.

Seja no Oscar ou em outras plataformas globais, apostar na criatividade nacional fortalece a economia criativa, projeta a identidade cultural do país e reforça sua presença no mundo.

O tapete vermelho é mais do que uma passarela: é uma vitrine para contar histórias — e a moda brasileira tem muito a dizer. ♦

Café
Especial



FÓ

RUM



outro mundo em debate

FÓRUM

Torrado e moído
100% arábica

500g

Descubra o
sabor intenso
e inconfundível
deste café e a
autenticidade
que flui em
cada xícara.



Compre na
Loja da Fórum

CLIQUE
AQUI



Ilustração Marcos Guinoza

Crônica

Bandeja

Homem de classe, Marcílio não trocava pedidos e se mantinha ativo até o último freguês

por Luis Cosme Pinto

Bola Hércules de couro laranja, 32 gomos. Stênio, 9 anos, hesitou em levar o presente pra rolar no asfalto oleoso e áspero da rua do Tijolo, no bairro da Piedade. “Guarda no armário”, aconselhou Stela.

Stênio concordou com a mãe. Gramado fofo e bem verde, isso sim era o que a pelota lustrosa merecia. Mas os amigos insistiram e Marcílio, o pai, decidiu pela família: “Filho, dei pra você jogar. Vai lá”. Stênio desceu quicando a bola e logo dois times se formaram.

A pelota já estava ralada e manchada quando o pai explicou o presente fora de hora: o dinheiro vinha das gorjetas no restaurante em que trabalhava de terça a domingo.

Surgiram outras surpresas. Boneca Suzy para a irmã e Jovem Cientista para o mano mais velho.

No restaurante Filé Dourado, Marcílio não detalhava receitas e nem sugeria coquetéis à toa. Antes do paletó branco e da gravata borboleta, batalhou como faxineiro, lavador de pratos, ajudante de cozinha e só então pôde equilibrar copos e pratos nas bandejas.

Em casa, Marcílio silenciava a novela e saciava a curiosidade de Stela e dos três filhos.

— Alguém pediu para devolver o prato, pai?

— Aquele moço que sempre reclama do filé tava mais feliz?

— E o que resmungava com a conta, deu as caras?

— Marcílio, o seu Domingos, o da gorjeta, tava de bom humor?

Marcílio contava aventuras da vida real em detalhes. Como num filme, a família “via” o marido e pai puxar a cadeira para a senhorita e o cavalheiro e anotar os pedidos com a letra firme e bem desenhada. Depois, “assistiam” ao Marcílio entregar os pedidos na boqueta — aquela abertura arqueada que comunica o salão com a cozinha.

Um dia, justo na hora de anotar o Supremo de Frango de seu Antenor e madame Cecília, a caneta falhou. Para não atrasar, guardou na memória, enquanto distribuía os guardanapos de pano e o *couvert*. Testou mesas maiores, de 6 e até 8 lugares. Nunca mais usou o bloco.

Quanto mais desafiava os neurônios, mais facilidade tinha para guardar. “Memória de mamute”, brincavam os colegas.

Num dia antigo, bem antigo. Marcílio não foi trabalhar, na manhã seguinte também não. À noite, a novela foi o único som na sala.



O FILÉ DOURADO IA DAR PASSAGEM A UM VIADUTO

Foto Reprodução

Marcílio perdera as bandejas, as gravatas borboleta e as histórias. O Filé Dourado ia dar passagem a um viaduto.

Stela vendeu bolos, costurou, deu aula particular. A vida seguiu e as crianças cresceram.

Marcílio se aposentou como vigia noturno no mesmo ano em que Stênio começou a trabalhar numa grande emissora de TV. A missão era simples e, ao mesmo tempo, crucial. Cabia a Stênio ligar para o elenco da novela, avisar horários de gravação e mais: enviar os capítulos escritos para atores e atrizes.

Não havia celular, muito menos computador, mas Stênio tinha a memória afiada e, quando não

conseguia falar, escrevia bilhetes com a mesma letra bem desenhada aprendida na infância.

Em pouco tempo, Stênio era admirado na empresa. Quando o motorista adoeceu e não pôde entregar os capítulos, Stênio pegou a própria moto e garantiu o serviço. Outra vez localizou uma atriz avoadada, que descansava num hotel-fazenda com o namorado.

Um amigo, galã estrelado, chamou Stênio para jantar. Regalaram-se com chopes e galletos. A conta foi paga em dinheiro vivo pelo ator.

Nesse momento, em gesto surpreendente, Stênio pegou duas notas de cem cruzeiros do bolo de dinheiro do amigo e colocou em cima da mesa triplicando a gorjeta. O amigo arregalou os olhos, mas a fila de fãs em busca de um autógrafo e o sorriso largo do garçom transformariam qualquer reação em vexame.

Na saída, o artista exigiu explicação.

— Não entendi, Stênio.

— Nem vai entender. Você lá sabe o que é ter pai garçom?

A conversa foi interrompida por um assobio em ritmo de samba. Era o garçom a caminho do ponto ônibus, na noite morna do Leblon. ♦

Luis Cosme Pinto é autor de *Birinaites*, *Catiripapos* e *Borogodó*, livro semifinalista do prêmio Jabuti 2024.



Bonés da **FORUM**

entre mundo em debate



Compre
o seu na
Loja da
Fórum

AQUI

Membros
da Fórum
têm 20% de
desconto



Cinema

O BRUTALISTA

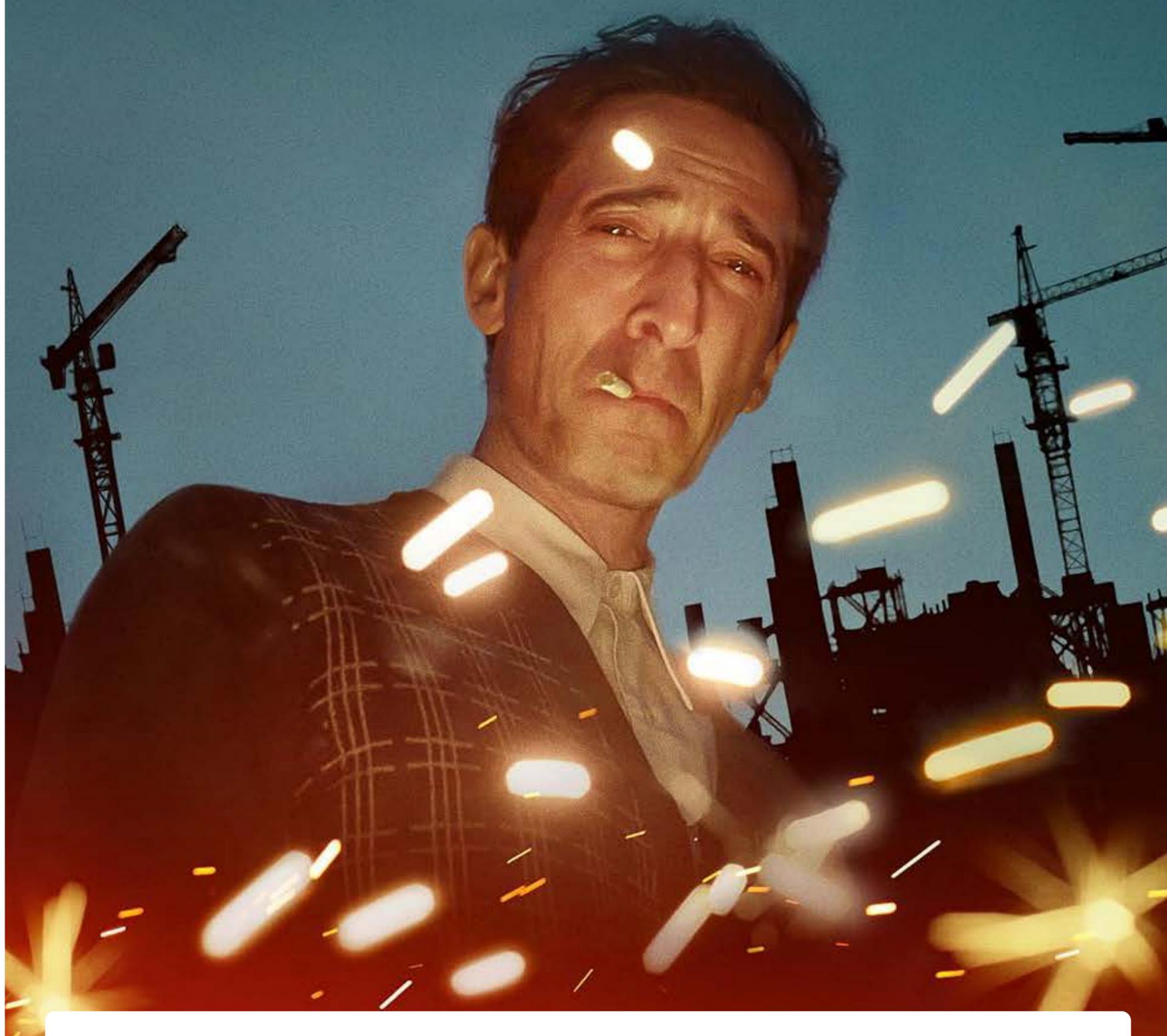


Foto Divulgação

por Cesar Castanha

COM DEZ INDICAÇÕES AO OSCAR, **O BRUTALISTA** É UM FILME SOBRE REFUGIADOS

Em 2006, a diretora belga Chantal Akerman lançou o filme *Là-bas*, um documentário/filme-diário que acompanha um mês de viagem da diretora a Tel Aviv, em Israel. Akerman, que é judia, passa a maior parte do filme dentro de um apartamento, olhando pela janela para o lado de fora, apavorada de sair na cidade, refletindo sobre estar naquele espaço como se não estivesse realmente lá, como se fosse uma observadora ausente na janela. *Là-bas* poderia ser identificado como apolítico, mas apenas se fizermos uma ideia muito limitada de como a política aparece no cinema. Mesmo que seus comentários sobre as tensões locais sejam superficiais e até desinteressados (para além do medo de sair na rua), a sua apatia revela uma quebra do projeto sionista.

Se um país justifica a si mesmo, e as suas violências coloniais, na promessa de um lar para todo o povo judeu, a explícita incapacidade de Akerman de se fazer presente ali, a sua



Foto Divulgação

A cineasta belga Chantal Akerman

ansiedade em voltar para casa, na Bélgica, e a sua explanação de que ela não consegue imaginar a si mesma crescendo naquele lugar revelam essa promessa como mero artifício político. Não há nenhuma essência existencial que liga Akerman a Israel, o pertencimento dela não é garantido por sua religião ou por sua herança familiar. Sua mãe construiu uma casa na Bélgica como refugiada da Polônia. O que Akerman descobre no filme é que ela não seria menos refugiada em nenhum outro lugar, nem mesmo ali.

Com dez indicações ao Oscar, *O Brutalista*, dirigido por Brady Corbet, é um filme sobre refugiados. László Tóth (interpretado por Adrien Brody) é um arquiteto húngaro-judeu



Foto Divulgação

Adrien Brody e Guy Pearce concorrem, respectivamente, ao Oscar de Melhor Ator e Melhor Ator Coadjuvante

sobrevivente do Holocausto que consegue refúgio nos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Descoberto por um magnata industrialista, Van Buren (interpretado por Guy Pearce), ele recebe promessas de ser resgatado da pobreza que vive como estrangeiro refugiado de guerra, ser reunido com sua esposa, Erzsébet (interpretada por Felicity Jones), e voltar a projetar edifícios sob a encomenda desse novo patrono. O sonho de Van Buren é a construção de um ambicioso instituto que leve o nome de sua mãe, com biblioteca, auditório de teatro, ginásio e uma capela cristã. E Tóth é o artista por encomenda, o descoberto, a realizar esse sonho.

A fundação do Estado de Israel também ocupa um papel central na trama de *O Brutalista*. Acompanhamos o discurso fundacional de Ben-Gurion enquanto vemos imagens de Tóth trabalhando, reconstruindo sua vida na América. Israel se torna uma promessa e um convite estendido aos Tóth também quando sua sobrinha, que eles criaram como filha depois da morte de seus pais, decide se mudar para lá com o marido e questiona por que eles não fazem o mesmo. Enfim, o epílogo do filme, de maneira especialmente significativa, volta a Israel como uma ideia, um “destino” – palavra-chave na sequência final – possível para os personagens refugiados. Em grande parte, parece que o enigma interpretativo que *O Brutalista* está interessado em propor para seu espectador passa por decifrar o papel que o sionismo exerce nesse texto, especialmente no epílogo.

Nesse sentido, é possível, até provável, que o filme tenha acidentalmente se desdobrado em um contexto político global em que a importância dessa definição – entre uma narrativa sionista e de oposição ao sionismo – é determinante. Isso já é o bastante para levantar acusações não completamente injustas de quem percebe no filme um discurso limitado e covarde, que se utiliza da ironia como um

recurso linguístico que concede uma sutileza excessiva ao sentido da obra. Se a fuga da política em *Là-bas*, em 2006, já suscita algum incômodo com a falta de direta oposição à violência colonial de Israel contra a Palestina, *O Brutalista*, como uma das grandes estrelas da temporada de premiações de cinema entre 2024 e 2025, é justificadamente confrontado por seus sentidos subliminares, suas sutis contradições em falas de personagens e seus elementos discursivos deixados a cargo de uma montagem simbólica.

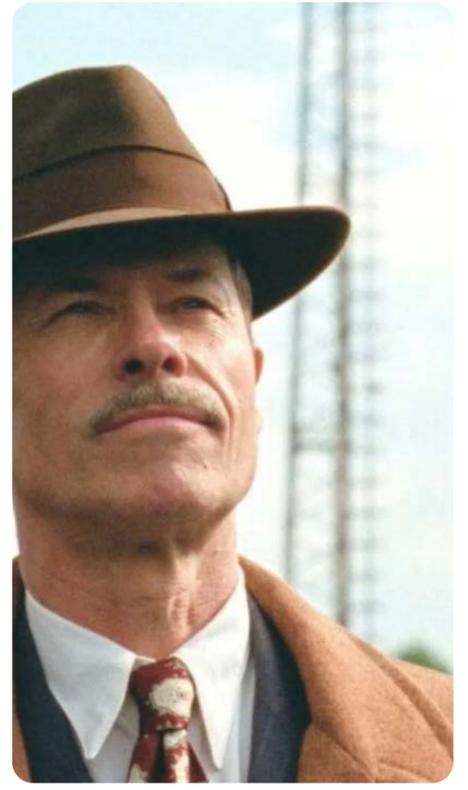


De fato, o filme parece mais interessado na posição dos Tóth como um artista e uma escritora refugiados do que com a relação que essas figuras estabelecem (embora elas

explicitamente estabeleçam certa relação) com o projeto sionista. A trajetória desses personagens nos Estados Unidos é tomada por violências – xenofóbicas, religiosas e de classe –, mas proponho não confundir tão simplesmente essa trajetória de violência com um tipo de falência do sonho americano (a essa altura um clichê do cinema hollywoodiano). Não existe sonho americano para os Tóth, em nenhum momento se acredita que a vida na América representa uma vida melhor. O filme é explícito em relação a isso: a vida desses personagens foi destruída pelo nazifascismo, pelo deslocamento, pela perda de suas casas, e não há destino que recupere as suas vidas, que desfaça a sua situação como refugiados, mesmo quando são reunidos, quando estão novamente trabalhando segundo seus talentos. Eles foram feitos, de uma vez e permanentemente, expatriados e despossuídos.

Ainda assim, a jornada desses personagens não é apenas de violência. Há um ímpeto de criação que atravessa a violência tanto quanto uma violência que atravessa esse ímpeto de criação. Com o projeto do instituto Van Buren desenhado por Tóth, o filme destina parte de seu interesse a pensar a relação do arquiteto com essa superfície que ele cria, que aos poucos se torna um tipo de obsessão

criativa. O que aparece aqui é também o objetivo metalinguístico do filme: ele mesmo uma obra da forma, uma superfície produzida coletivamente a partir de uma visão autoral, dependente de uma economia de capital, mas interessado em ir além dela.



Cenas de *O Brutalista*

Essa correlação é sustentada por um senso de grandeza de *O Brutalista*, com sua duração de 3 horas e 35 minutos, incluindo um demarcado intervalo de 15 minutos, divisão de atos e escopo temporal abrangendo toda a vida do seu personagem. A lembrança

dessa sombra metalinguística na narrativa de um artista refugiado, incapaz de escapar ou proteger a sua família de um ciclo de violências, no entanto, produz resultados ambivalentes quando consideramos a sua realização por um jovem diretor estadunidense cuja trajetória tem pouco em comum com a de seu principal personagem. Desprender-se da metalinguagem seria um gesto de leitura mais generoso com o filme.

Escapulindo dessa imposição da metalinguagem, descubro no escopo ambicioso de *O Brutalista* uma fruição semelhante a um romance literário. O dar-se tempo com os personagens e com suas transformações e as elipses características do gênero. É possível encontrar prazer audiovisual nessa fruição, em especial nos muitos excessos, surpresas e viradas a que o segundo ato do filme se entrega – uma distinção de ritmo também própria da literatura. Nesse sentido, gosto especialmente da escolha para a conclusão antes do epílogo, o texto repentinamente interrompido em dado ponto, circulando sem propósito por entre as imagens que ele criou por meio da sua duração, convidando-nos a observar de outro modo, a compreender talvez o mistério inerente a essas imagens.

O epílogo destitui parte desse mistério com explicações didáticas sobre o que acabamos de ver, mas é necessário também um cuidado de leitura para não tomar como verdade do filme a fala – acima de tudo a fala final – de uma personagem nesse último respiro da narrativa. Expondo em Veneza o trabalho do tio algumas décadas depois dos eventos anteriores, sua sobrinha fala eloquentemente da obra arquitetônica de Tóth, da vida que reconstruíram em Israel, até afirmar, usando segundo ela as palavras de seu tio, “o que importa é o destino, não a jornada”. Imediatamente, o filme faz uma transição para a personagem mais jovem, sentada a uma mesa, incapaz de falar e de dimensionar na fala a dor da despossessão vivida, de ter perdido seus pais, sua casa, de saber que não há mais caminho de volta. A personagem mente: a jornada está ali, ela a persegue em qualquer destino, ela é parte dela e se impõe como imagem final. ♦

*Este artigo não reflete, necessariamente, a opinião da Fórum.

▶ [Clique aqui](#) e assista ao trailer de **O Brutalista**.

REVISTA
Forum outro mundo em debate

expediente

edição #151

Diretor de Redação

_ Renato Rovai

Editora executiva

_ Dri Delorenzo

Textos desta edição:

_ Cleber Lourenço

_ Júlia Motta

_ Plínio Teodoro

_ Ivan Longo

_ Iara Vidal

_ Luis Cosme Pinto

_ Cesar Castanha

Designer

_ Marcos Guinoza

Revisão

_ Laura Pequeno

Acesse: revistaforum.com.br



[youtube.com/forumrevista](https://www.youtube.com/forumrevista)



[@revistaforum](https://twitter.com/revistaforum)



facebook.com/forumrevista



[@revistaforum](https://www.instagram.com/revistaforum)